

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL SUPERIOR
2020/2021 – 2.ª Edição



TII

**COMO MEDIR A PRONTIDÃO PARA COMBATE DE UMA FORÇA DE
FUZILEIROS**

**O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A
FREQUÊNCIA DO CURSO NO IUM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO
SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOCTRINA OFICIAL DAS
FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS OU DA GUARDA NACIONAL
REPUBLICANA.**

Hugo Andrade Luz
1TEN, EN-AEL



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
COMO MEDIR A PRONTIDÃO PARA COMBATE DE
UMA FORÇA DE FUZILEIROS

1TEN, EN-AEL Hugo Andrade Luz

Projeto de Investigação Individual do CPOS M 2020/2021 – 2.^a Edição

Pedrouços 2021



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
COMO MEDIR A PRONTIDÃO PARA COMBATE DE
UMA FORÇA DE FUZILEIROS

1TEN, EN-AEL Hugo Andrade Luz

Projeto de Investigação Individual do CPOS M 2020/2021 – 2.ª Edição

Orientador: Major de Artilharia

Nuno Miguel dos Santos Rosa Calhaço

Pedrouços 2021



Declaração de compromisso Antiplágio

Eu, **Hugo Andrade Luz**, declaro por minha honra que o documento intitulado “**Como medir a prontidão para combate de uma força de Fuzileiros**” corresponde ao resultado da investigação por mim desenvolvida, enquanto auditor do **Curso de Promoção a Oficial Superior 2020/2021 – 2.^a Edição** no Instituto Universitário Militar, e que é um trabalho original, em que todos os contributos estão corretamente identificados em citações e nas respetivas referências bibliográficas.

Tenho consciência que a utilização de elementos alheios não identificados constitui grave falta ética, moral, legal e disciplinar.

Pedrouços, **12 de julho de 2021**

Hugo Andrade Luz



Agradecimentos

Começo por agradecer ao meu orientador, Major de Artilharia Nuno Rosa Calhaço, pela sua disponibilidade e por todo o apoio ao longo deste processo.

Desejo igualmente agradecer aqueles que durante a elaboração deste trabalho me mostraram caminhos alternativos e pontos de vista diferentes, CTEN FZ Silva Filipe, CTEN FZ Drago Gonçalves e CTEN FZ Arvins Fernandes

Em especial, à minha companheira de vida, Rita Lameiras, pela sua ajuda, paciência e amizade.



Índice

| | |
|--|----|
| Introdução | 1 |
| 1. Enquadramento conceptual e percurso metodológico | 4 |
| 1.1 Conceitos utilizados..... | 4 |
| 2.1.1 Prontidão para combate..... | 4 |
| 2.1.2 Padrão de Prontidão Operacional..... | 4 |
| 2.1.3 Material | 5 |
| 2.1.4 Pessoal..... | 5 |
| 2.1.5 Treino..... | 5 |
| 1.2 Metodologia e Desenho de pesquisa..... | 5 |
| 2. Caracterização de uma força de Fuzileiros | 7 |
| 3. Prontidão para combate na Marinha Portuguesa | 9 |
| 3.1 Estrutura de padrões de prontidão operacional em uso nas unidades navais..... | 9 |
| 3.2 Estrutura de padrões de prontidão operacional em uso nas forças de Fuzileiros | 10 |
| 3.3 Método de medição da prontidão de uma unidade naval | 11 |
| 3.4 Relação entre a prontidão de uma unidade naval e uma força de Fuzileiros..... | 14 |
| 4. Proposta de método de medição da prontidão de uma força de Fuzileiros..... | 16 |
| Conclusões | 21 |
| Referências bibliográficas | 23 |

Índice de Apêndices

| | |
|--|---|
| Apêndice A – Conceção metodológica da investigação | A |
| Apêndice B – Modelo de Entrevista | B |
| Apêndice C – Entrevista CTEN FZ Silva Filipe..... | C |
| Apêndice D – Entrevista CTEN FZ Arvins Fernandes | D |
| Apêndice E – Entrevista CTEN FZ Drago Gonçalves | E |



Índice de Figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Desenho da Investigação..... | 6 |
| Figura 2 – Articulação funcional da estrutura organizativa do Corpo de Fuzileiros..... | 7 |
| Figura 3 – Ciclo Operacional e plano de geração e edificação das FFZ Coy..... | 8 |
| Figura 4 – Estrutura dos padrões de prontidão em uso nas unidades navais..... | 9 |
| Figura 5 – Estrutura do método de medição da prontidão de uma unidade naval..... | 11 |
| Figura 6 – Impacto do Material na prontidão de uma unidade naval..... | 12 |
| Figura 7 – Impacto do Pessoal na prontidão de uma unidade naval..... | 13 |
| Figura 8 – Impacto do Treino na prontidão de uma unidade naval..... | 13 |
| Figura 9 – Produto do método de medição da prontidão de uma unidade naval..... | 14 |
| Figura 10 – Tipologia de forças de Fuzileiros..... | 15 |
| Figura 11 – Proposta de estrutura dos padrões de prontidão para uma força de Fuzileiros | 16 |
| Figura 12 – Proposta de estrutura para método de medição da prontidão de uma força de Fuzileiros..... | 17 |
| Figura 13 – Impacto do Material na prontidão de uma força de Fuzileiros..... | 18 |
| Figura 14 – Impacto do Pessoal na prontidão de uma força de Fuzileiros..... | 19 |
| Figura 15 – Impacto do Treino na prontidão de uma força de Fuzileiros..... | 19 |
| Figura 16 – Produto do método de medição da prontidão para combate de uma força de Fuzileiros..... | 20 |
| Figura 17 – Pilares de avaliação da prontidão para combate de uma força de Fuzileiros... | 21 |



Resumo

A Marinha Portuguesa tem vindo a desenvolver, durante a última década, uma ferramenta de apoio à decisão, cuja finalidade é a medição da prontidão para combate das suas unidades navais.

Com a responsabilidade na manutenção da prontidão para combate das suas forças, o Corpo de Fuzileiros tem a necessidade de saber, a todo o momento, o estado de prontidão das mesmas. Este trabalho vem dar resposta a esta necessidade, adaptando o método desenvolvido para as unidades navais às forças de Fuzileiros.

Através de um desenho de pesquisa assente no estudo de caso, com um raciocínio indutivo e utilizando uma estratégia de investigação qualitativa, respondeu-se à questão central do trabalho, através do estudo da adaptabilidade do método utilizado pela Marinha nas unidades navais às forças de Fuzileiros.

Este trabalho apresenta uma forma de medição da prontidão para combate das forças de Fuzileiros e verifica a possibilidade de adaptação do método utilizado nas unidades navais às forças de Fuzileiros, sendo ainda um contributo para o futuro desenvolvimento de uma ferramenta informática com esta finalidade.

Palavras-chave: Prontidão para combate; Padrões de prontidão operacional; Força de Fuzileiros; Unidade naval; Método.



Abstract

The Portuguese Navy has been developing, over the last decade, a tool to decision support, whose purpose is to measure the combat readiness of its naval units.

With the responsibility to maintain the combat readiness of its forces, the Marine Corps needs to know, all the time, their state of readiness. This study responds to this need, adapting the method developed for naval units to the Marine forces.

Through a research design based on the case study, with deductive reasoning and using a qualitative research strategy, the central question of the study was answered, through the evaluation of the adaptability of the method used by the Portuguese Navy in naval units to the Marine forces.

This study presents a method of measuring the combat readiness of Marine forces and verifies the possibility of adapting the method used in naval units to the Marine forces, and represents also a contribution to the future development of a computer software with this purpose.

Keywords: *Combat readiness; Operational readiness standards; Marine force; Naval unit; Method.*



Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

| | |
|---------|--|
| BLD | Batalhão Ligeiro de Desembarque |
| CF | Corpo de Fuzileiros |
| CMF | Conjunto Modular de Força |
| EASC | Elemento de Apoio de Serviços em Combate |
| FND | Força Nacional Destacada |
| FPAS | Forças Permanentes em Ação de Soberania |
| FFZ | Força e Fuzileiros |
| FRI | Força de Reação Imediata |
| FZ | Fuzileiros |
| IUM | Instituto Universitário Militar |
| MP | Marinha Portuguesa |
| NEO | <i>Non-Combatent Evacuation Operation</i> |
| OE | Objetivo Específico |
| OG | Objetivo Geral |
| PELBORD | Pelotão de Abordagem |
| PPO | Padrão de Prontidão Operacional |
| QC | Questão Central |
| QD | Questão Derivada |
| QP | Quadro Permanente |
| SIMPPO | Sistema de Informação de Manutenção dos Padrões de Prontidão Operacional |
| SOMTG | <i>Special Operations Maritime Task Group</i> |
| TII | Trabalho de Investigação Individual |
| UMD | Unidade de Meios de Desembarque |
| UN | Unidade Naval |



Introdução

A Marinha Portuguesa tem realçado a necessidade de medir a prontidão das suas forças e unidades navais, de forma a ter uma maior clareza em todo o momento das reais capacidades dos seus meios para o cumprimento das diversas missões. Com o objetivo de dar resposta a esta necessidade, a Marinha Portuguesa iniciou o desenvolvimento de um método de avaliação da prontidão, com recurso a uma ferramenta denominada Sistema de Informação de Manutenção dos Padrões de Prontidão Operacional (SIMPPPO), que utiliza como base os padrões de prontidão.

Atualmente, o SIMPPPO tem como finalidade disponibilizar toda a informação relativa à prontidão operacional das unidades navais da Marinha Portuguesa, com base em três pilares: Material, Pessoal e Treino (Comunicação, 2020). Como se pode constatar, no que concerne às unidades navais, existe um esforço em controlar o estado de implementação dos padrões de prontidão e, assim, medir a prontidão para combate das suas unidades navais. No que respeita às forças de Fuzileiros, com a mesma importância que as unidades navais, é fundamental iniciar o desenvolvimento de um método de medição da prontidão para combate.

O Corpo de Fuzileiros tem a responsabilidade de manter os níveis de prontidão das suas forças. Com esta finalidade, são desenvolvidos um conjunto de ações muito direcionadas para o treino. No entanto, é difícil traduzir esse treino num nível quantificável de prontidão para combate sem um método definido para esse efeito, capaz de balizar o treino das forças e os requisitos para a missão.

Neste contexto, surge o presente trabalho de investigação, que pretende definir um método que quantifique a prontidão para combate de uma força de Fuzileiros. Esta investigação também pretende abordar outras perspetivas consideradas influentes na prontidão para combate de uma força, nomeadamente com a inclusão do impacto do Material e do Pessoal na medição da prontidão.

Relativamente à delimitação temporal, esta investigação tem como base a atual (2021) estrutura de Padrões de Prontidão Operacional em uso pelo Corpo de Fuzileiros e pelas unidades navais da Marinha Portuguesa.

No que respeita à delimitação no espaço, o estudo centra-se nos Fuzileiros da Marinha Portuguesa, não sendo alvo deste estudo a aplicabilidade, ou não, do método proposto a outro tipo de força nacional ou internacional.



A delimitação a nível de conteúdo é direcionada para a prontidão de uma força de Fuzileiros nas componentes do Material, Pessoal e Treino.

Embora seja um aspeto relevante, importa referir que na ausência de padrões de prontidão de determinados tipos de forças de Fuzileiros, não está no âmbito deste trabalho o estudo de possíveis padrões a serem aplicados a essas forças, bem como a definição de possíveis tarefas integrantes de missões no âmbito das forças de Fuzileiros.

Deste modo, considera-se que o objetivo geral (OG) da presente investigação é desenvolver um método capaz de medir a prontidão para combate de uma força de Fuzileiros.

Para atingir o objetivo geral, definiram-se dois objetivos específicos (OE):

OE 1: Descrever a prontidão para combate de uma unidade naval e de uma força de Fuzileiros;

OE 2: Analisar a adaptabilidade do método de medição da prontidão de uma unidade naval a uma força de Fuzileiros.

A pertinência desta investigação é sustentada pela revisão bibliográfica e pelas entrevistas exploratórias realizadas, pelo que, em conformidade com o quadro conceptual, formulou-se a seguinte questão central (QC): “De que forma se poderá medir a prontidão para combate de uma força de Fuzileiros?”. Servindo de guia para a investigação em curso, formularam-se duas questões derivadas (QD) para auxiliarem na resposta à QC:

QD 1: Do que se trata a prontidão para combate de uma força de fuzileiros e de uma unidade naval?

QD 2: Será possível adaptar o método de medição da prontidão de uma Unidade Naval a uma Força de Fuzileiros?

O modelo de análise utilizado na presente investigação está de acordo com o Apêndice A.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos, para além da introdução e conclusão. No primeiro capítulo, é feito o enquadramento conceptual, onde se definem os conceitos utilizados na investigação, e explicada a estratégia e metodologia aplicadas. No segundo capítulo, pretende-se caracterizar a estrutura orgânica do Corpo de Fuzileiros, para se perceber como são geradas as várias tipologias de forças de Fuzileiros onde são aplicados os padrões de prontidão operacional. No terceiro capítulo, é analisada a estrutura dos padrões de prontidão em uso pelas forças de Fuzileiros e pelas unidades navais, bem como o método utilizado pela Marinha Portuguesa para a medição da prontidão das unidades navais. No quarto e último capítulo, é feita uma proposta de método a utilizar para a medição da



prontidão para combate de uma força de Fuzileiros. Por fim, apresentam-se as conclusões que esta investigação conseguiu alcançar, assim como a identificação de possíveis investigações futuras.



1. Enquadramento conceptual e percurso metodológico

A capacidade de quantificar a prontidão para combate de uma força ou unidade naval tem sido um desafio para a Marinha Portuguesa. O desenvolvimento da ferramenta SIMPPO já leva uma década de esforços no sentido de aprimorar e quantificar a medição da prontidão dos meios da Marinha Portuguesa. De forma a aproveitar o conhecimento desenvolvido ao longo dos últimos anos, considera-se fundamental analisar a adaptabilidade do método utilizado na medição da prontidão das unidades navais às forças de Fuzileiros. Conhecendo o real estado dos seus meios, é possível uma gestão eficaz dos recursos disponíveis.

Neste capítulo serão descritos os conceitos estruturantes e a metodologia aplicada.

1.1 Conceitos utilizados

Apresentam-se de seguida os conceitos que fazem parte do desenvolvimento da presente investigação.

2.1.1 Prontidão para combate

O conceito de prontidão é muitas vezes utilizado, mas pouco compreendido. Richard Bett (Betts, 1995, pp. 40-41) desenvolveu um modelo onde os graus de prontidão caracterizavam o nível de preparação de pessoal e material, normalmente expresso por intervalos de tempo. Neste conceito de graus de prontidão, existe uma relação entre os níveis de prontidão requeridos a uma força e as suas expectativas de emprego operacional.

A Marinha Portuguesa define a prontidão de uma unidade naval como sendo um estado que reflete o tempo necessário para que essa unidade esteja pronta a ser empregue operacionalmente. Esse estado de prontidão traduz uma avaliação nas perspetivas do Material, Pessoal e Treino (Armada, 1999, pp. 1-2).

2.1.2 Padrão de Prontidão Operacional

O Corpo de Fuzileiros define os padrões de prontidão da seguinte forma: “O conjunto dos padrões de prontidão define o critério de desempenho para o cumprimento com sucesso das missões específicas, para cada tipo de unidade do Corpo de Fuzileiro.” (Fuzileiros, Guia da treino e avaliação das forças e unidades de Fuzileiros, 2006, p. 3.3).

No que respeita às unidades navais, os padrões de prontidão são agrupados em áreas funcionais. Uma área funcional traduz um conjunto de padrões de prontidão que concorrem maioritariamente para o desempenho numa determinada área específica, a qual contribuiu para o cumprimento das missões atribuídas à unidade operacional em questão (Naval, 2013).



2.1.3 Material

O conceito refere-se à disponibilidade e eficiência técnica dos meios materiais necessários ao cumprimento da missão (Armada, 1999).

2.1.4 Pessoal

Este conceito refere-se ao indivíduo e à formação específica necessária, que o mesmo deverá ter, para o cumprimento da missão. Esta formação está definida no Mapa Detalhado de Cargos da unidade e está de acordo com as funções que o militar desempenha.

2.1.5 Treino

A capacidade para combate de qualquer unidade ou força é resultado do somatório das perícias e preparação de cada indivíduo, conjugadas e integradas no treino coletivo de técnicas e táticas necessárias para o sucesso da missão. O treino militar destina-se a atingir os padrões de prontidão e a consolidar conhecimento técnico (Fuzileiros, 2006, p. 1.2).

1.2 Metodologia e Desenho de pesquisa

O posicionamento ontológico é construtivista, no qual os fenómenos sociais e os seus significados são construídos pela interação e dependência dos atores e a sua envolvente e estão em constante fase de revisão, não havendo uma realidade com carácter concreto, mas antes uma construção com significado próprio para cada interação e ator social, válida para um momento concreto e um contexto particular (Bryman, 2012, p. 35).

A posição epistemológica é interpretativa, em que compete ao investigador, para além de verificar os fenómenos sociais, compreender os seus significados subjetivos e perceber como a realidade molda e é moldada pelos atores sociais intervenientes (Bryman, 2012, p. 29).

A investigação utiliza o processo de raciocínio indutivo, em que, partindo da observação de factos particulares, é possível efetuar várias comparações que possibilitam inferir generalizações (Santos, 2019).

A estratégia de investigação seguida é qualitativa, em virtude da intenção de compreender o método de avaliação da prontidão para combate de uma força de Fuzileiros a propor, ser indissociável da subjetividade com que os atores/decisores se relacionam com o fenómeno, não sendo, por isso mesmo, possível de traduzir em análises numéricas. Conforme argumenta Vilelas (Vilelas, 2019, p. 108) “objetivo é alcançar um entendimento mais profundo e subjetivo do objeto de estudo, sem se preocupar com medições e análises estatísticas”.



O tipo de desenho de pesquisa, figura 1, retrata um estudo de caso, em que se pretende verificar a adaptabilidade do método de avaliação da prontidão para combate das unidades navais da Marinha Portuguesa a uma força de Fuzileiros da Marinha Portuguesa.

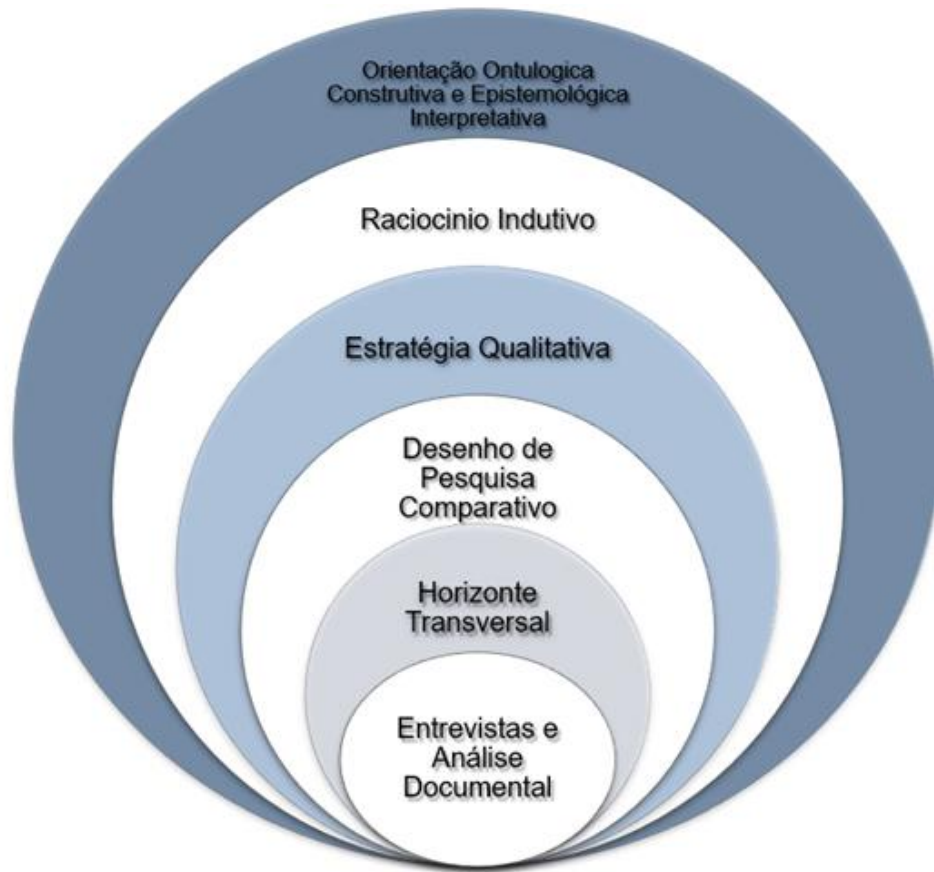


Figura 1 – Desenho da Investigação

Fonte: Adaptado pelo autor (Saunders, 2009, p. 109).



2. Caracterização de uma força de Fuzileiros

Com o foco deste trabalho de investigação na prontidão para combate de uma força de Fuzileiros, torna-se essencial perceber a formação das várias tipologias de forças. Este capítulo é dedicado à organização e à geração das forças no Corpo de Fuzileiros. Como fonte primária de informação para o seu desenvolvimento foi utilizada a proposta de reestruturação elaborada no ano de 2015 (Fuzileiros, 2015).

Com o intuito de melhor compreender a organização do Corpo de Fuzileiros apresenta-se a figura 2, que retrata, de forma muito clara, as tipologias de forças e a organização em implementação no Corpo de Fuzileiros.

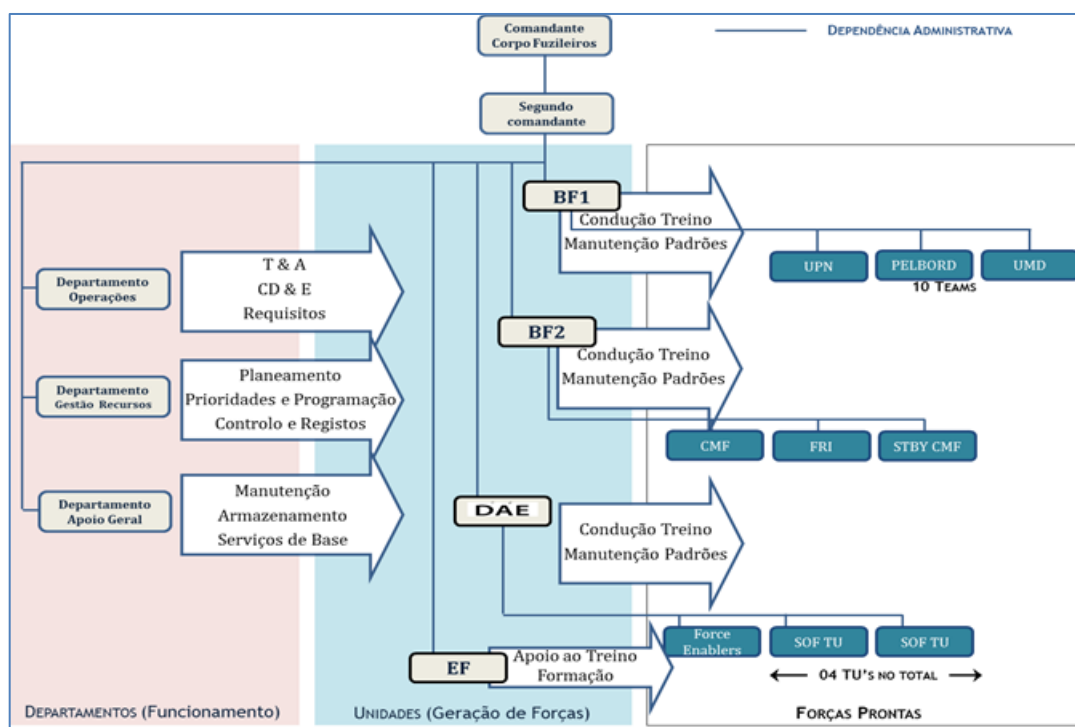


Figura 2 – Articulação funcional da estrutura organizativa do Corpo de Fuzileiros

Fonte: (Fuzileiros, 2015, p. 6).

O Corpo de Fuzileiros define como objetivo prioritário, no âmbito da projeção (operações anfíbias), a edificação de duas forças permanentes de escalão companhia (Força de Fuzileiros Coy), para atribuição à Força de Reação Imediata e ao Conjunto Modular de Forças, sendo aquelas dimensionadas e configuradas de acordo com o respetivo contexto de emprego (Fuzileiros, 2015, p. 7).

O Corpo de Fuzileiros mantém, no limite, a possibilidade de gerar um Batalhão Ligeiro de Desembarque, ainda que se assumam lacunas em algumas das suas valências orgânicas e



as consequentes limitações no seu emprego de forma autónoma. Além das Forças de Fuzileiros Coy, o Corpo de Fuzileiros assegura, no contexto das operações especiais, a disponibilidade permanente de uma SOMTG (*Special Operations Maritime Task Group*) gerada pelo Destacamento de Operações Especiais. No âmbito da Proteção de Força, assegura dez equipas de abordagem do Pelotão de Abordagem (PELBORD) e uma Unidade de Polícia Naval. Estas forças de menor escalão (equipas de PELBORD, SOFTU, etc.) serão empregues em diferentes contextos, designadamente no âmbito das Forças Permanentes em Ação de Soberania (FPAS), o que inclui o embarque em navios do Dispositivo Naval Padrão e a cooperação com as Forças e Serviços de Segurança (Fuzileiros, 2015, p. 8).

A Unidade de Meios de Desembarque (UMD) é responsável por gerar o elemento de assalto anfíbio para as força de Fuzileiros Coy, SOMTG / SOTU, e para ações de proteção, quando aplicável. O Elemento de Apoio de Serviços em Combate (EASC) é gerado através de um encargo de natureza expedicionária (organização para a ação) para militares com funções nas estruturas do Departamento de Apoio Geral e do Departamento de Gestão de Recursos (Fuzileiros, 2015, p. 8).

As forças de Fuzileiros são geradas e diretamente elevadas à categoria de prontidão desejada, mantendo-se nesse estado durante todo o ciclo de disponibilidade operacional, sendo garantido o tempo necessário para a configurar, dimensionar e treinar, assegurando desta forma uma maior prontidão de resposta e eficiência do processo. Os ciclos operacionais das forças estão definidos em três anos, como mostra a figura 3.



Figura 3 – Ciclo Operacional e plano de geração e edificação das FFZ Coy

Fonte: (Fuzileiros, 2015, p. 11).



3. Prontidão para combate na Marinha Portuguesa

A prontidão para combate na Marinha Portuguesa é um dos conceitos estruturantes do presente trabalho de investigação. Desta forma, pretende-se, durante os próximos capítulos, apresentar a estrutura e organização deste conceito, aplicado às unidades navais e às forças de Fuzileiros.

3.1 Estrutura de padrões de prontidão operacional em uso nas unidades navais

As forças e unidades navais destinam-se à execução de missões, no âmbito das funções da Marinha, contribuindo para a defesa militar e apoio à política externa do Estado, para a segurança e autoridade do Estado no mar e para o desenvolvimento cultural, científico e económico do país. Desta forma, são definidos os padrões de prontidão aplicáveis na condução das missões e das tarefas atribuídas às forças e unidades navais (Naval, 2013, p. 1.1).

Os padrões de prontidão são agrupados de acordo com a sua especificidade, em que concorrem, de forma inequívoca ou, maioritariamente, para o desempenho de uma unidade naval numa determinada área, a qual contribuiu para o cumprimento da missão que lhe é atribuída.

Estes conjuntos de padrões de prontidão agrupam-se em áreas funcionais, as quais, se aplicam às forças e unidades navais. A figura 4 retrata, de forma genérica e visual, o que se acabou de descrever.

| Área Funcional 1 | FFGH VGAM | FFGH BDIA | AOR | NPO |
|--------------------------|-----------|-----------|-----|-----|
| Padrão de Prontidão 1.1 | x | x | x | x |
| Padrão de Prontidão 1.2 | x | x | | |
| Padrão de Prontidão 1.3 | x | | | x |
| Padrão de Prontidão 1.4 | x | x | x | |
| Padrão de Prontidão 1.5 | x | x | | x |
| Padrão de Prontidão 1.6 | x | x | x | x |
| Padrão de Prontidão 1.7 | x | x | | |
| Padrão de Prontidão 1.8 | x | x | | x |
| Padrão de Prontidão 1.9 | x | | x | |
| Padrão de Prontidão 1.10 | x | x | | x |

Figura 4 – Estrutura dos padrões de prontidão em uso nas unidades navais

Fonte: Adaptado pelo autor (Naval, 2013).



Desta forma, cada unidade naval tem um conhecimento claro de todas as tarefas que estão no seu espectro de missões, tornando possível o seu foco na manutenção dos padrões de prontidão associados à respetiva classe de navio.

A manutenção dos padrões de prontidão de uma unidade naval rege-se sobre três perspetivas: Material, Pessoal e Treino. Sendo estas perspetivas conceitos instrumentais, que configuram dimensões de análise da prontidão para combate neste trabalho, serão alvo de um maior desenvolvimento no Capítulo 3.3.

3.2 Estrutura de padrões de prontidão operacional em uso nas forças de Fuzileiros

Os padrões de prontidão operacional nas forças de Fuzileiros estão estruturados de forma muito semelhante à utilizada pelas unidades navais. No entanto, muito direcionados para o Conjunto Modular de Força:

“Esta definição de padrões de prontidão operacionais apenas responde à necessidade das FFZ configuradas para o Conjunto Modular de Forças (CMF) no seu espectro completo, e para a Força de Reação Imediata (FRI) para as missões de *Non-Combatent Evacuation Operation* (NEO) e reforço a uma Força Nacional Destacada (FND).” (Filipe, 2021)

A publicação de referência dos padrões de prontidão no Corpo de Fuzileiros é o IGCORPFUZ 801, com uma abordagem maioritariamente focada para a vertente do treino e avaliação.

A necessidade de atualização dos padrões de prontidão é evidente e a sua extensão a todas as tipologias de forças de Fuzileiros é outro fator que deve ser desenvolvido, para que o nível de prontidão possa ser medido de forma longitudinal no Corpo de Fuzileiros.

Fernandes refere que a atualização irá incrementar o alinhamento com a doutrina da NATO e com a reestruturação ocorrida em 2015 no corpo de Fuzileiros:

“...no que diz respeito ao alinhamento com a doutrina NATO, e por outro com as alterações a nível de organização verificadas desde 2015 no Corpo de Fuzileiros...”. (Fernandes, 2021)

3.3 Método de medição da prontidão de uma unidade naval

A Marinha Portuguesa tem vindo a desenvolver a sua própria ferramenta para medição da prontidão das unidades navais, denominada SIMPPO. Esta aplicação tem como base estruturante a publicação IONAV 8000 (B) e a sua finalidade passa por atribuir um valor a cada navio, que traduz a prontidão dessa unidade para a execução de determinadas tarefas definidas como áreas funcionais. A estrutura idealizada nesta ferramenta, representada na figura 5, segue os critérios de unidade naval pronta, definidos no IONAV 8000 (B) (Naval, 2013). Cada pilar de avaliação (Material, Pessoal e Treino) tem um impacto no cumprimento dos padrões de prontidão que, por sua vez, irão influenciar a prontidão do navio para o cumprimento das tarefas definidas pelas várias áreas funcionais.

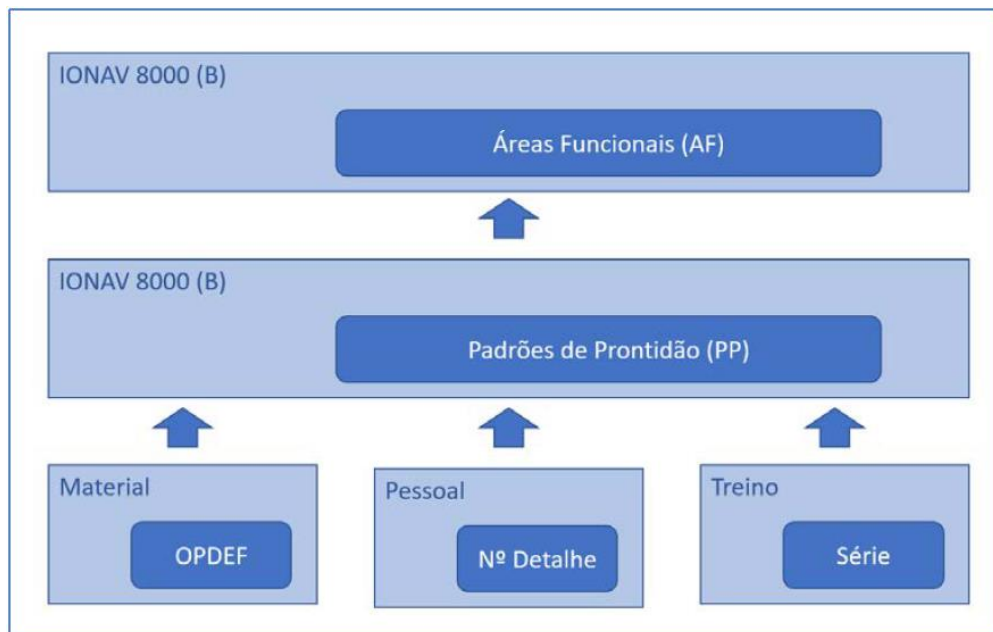


Figura 5 – Estrutura do método de medição da prontidão de uma unidade naval

Fonte: (Serrano, 2021).

A valorização da prontidão de cada unidade naval, por área funcional dos padrões de prontidão e pelos três pilares de avaliação, será feita numa escala de 0% a 100% e associada a um código de cores por banda de valores.

A valorização de cada padrão de prontidão é ponderada, de acordo com o seu “peso” dentro da área funcional. O somatório dos valores dos padrões de prontidão, de uma determinada área funcional, representa o valor dessa mesma área funcional. Na prática, considera-se que uma unidade naval está 100% pronta para cumprir uma determinada tarefa, quando essa mesma unidade estiver pronta a cumprir com todos os padrões de prontidão correspondentes a essa mesma área funcional.

O estado de um padrão de prontidão é avaliado na perspectiva de cada um dos pilares (Material, Pessoal e Treino).

No que concerne ao pilar do Material, representado na figura 6, a estrutura implementada entra em consideração com os principais sistemas e equipamentos de uma determinada unidade naval (armamento, sensores, sistema de propulsão, equipamento de LA, etc.). Estes sistemas, consoante o seu estado, têm um impacto direto na capacidade do navio em cumprir com os padrões de prontidão, refletindo uma determinada afetação do seu estado de prontidão.

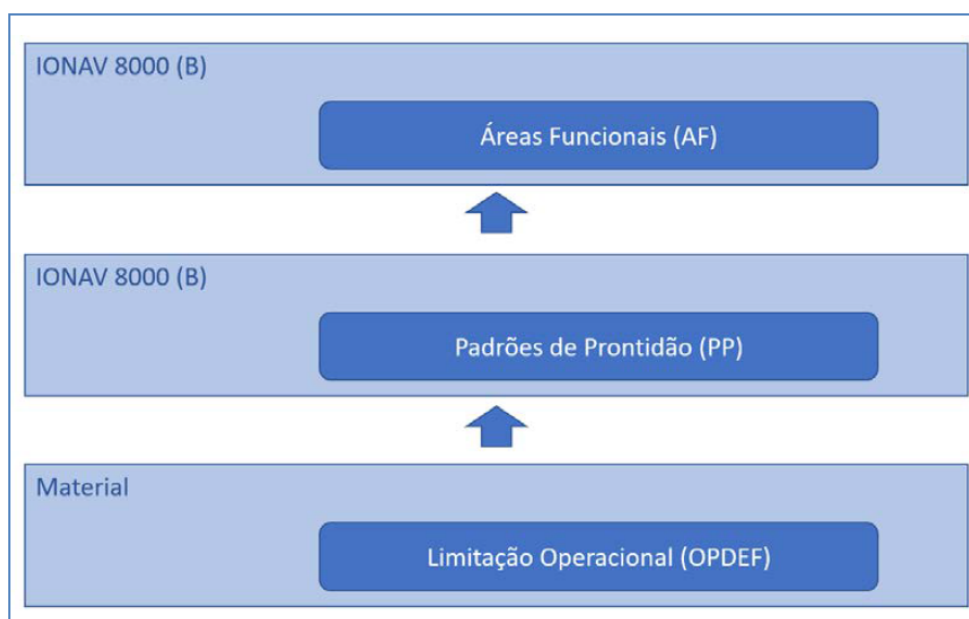


Figura 6 – Impacto do Material na prontidão de uma unidade naval

Fonte: Serrano (2021).

No pilar Pessoal, a valorização da prontidão segue um caminho muito semelhante ao pilar retratado anteriormente, conforme figura 7, onde cada militar tem um determinado impacto na prontidão da unidade naval, tendo em consideração a presença a bordo e a própria formação específica necessária para desempenhar a sua função a bordo.

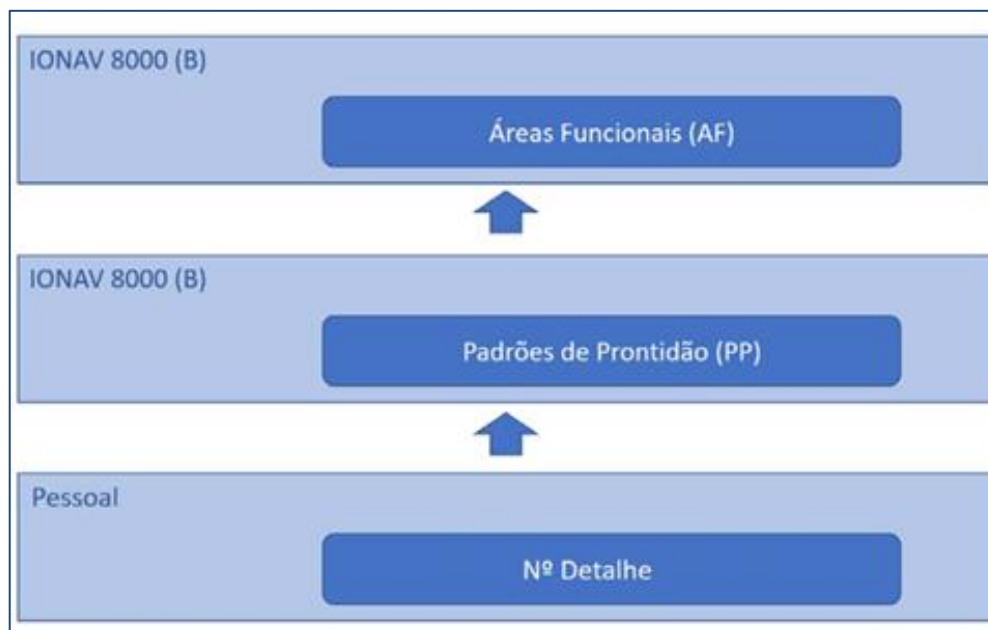


Figura 7 – Impacto do Pessoal na prontidão de uma unidade naval

Fonte: Adaptado pelo autor de Serrano (2021).

No pilar Treino, à semelhança dos pilares retratados anteriormente e conforme figura 8, cada série de treino tem um determinado impacto na prontidão da unidade naval, tendo em consideração a validação da série em termos de mérito e de prazo. Cada série tem uma validade temporal (prazo) e só é considerada se tiver uma avaliação positiva.

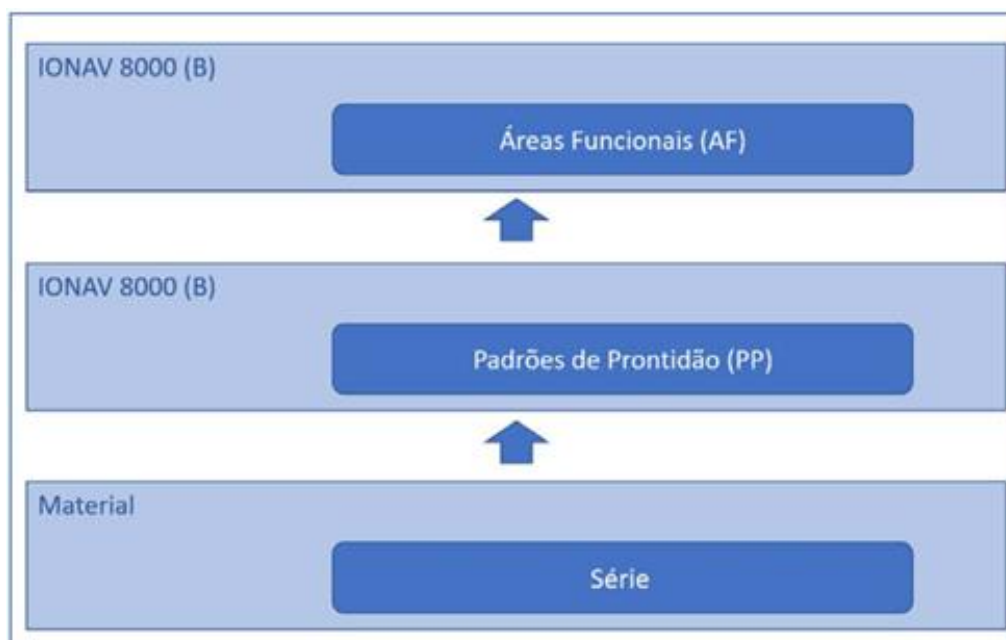


Figura 8 – Impacto do Treino na prontidão de uma unidade naval

Fonte: Adaptado pelo autor de Serrano (2021).



O resultado final deste método traduz o estado de prontidão das unidades navais para cumprir com as diversas missões em que possam vir a ser empregues, tendo em consideração as limitações operacionais, os elementos que constituem a sua guarnição e o treino realizado. Na figura 9 é apresentado um exemplo do produto final deste método.



Figura 9 – Produto do método de medição da prontidão de uma unidade naval

Fonte: Serrano (2021).

3.4 Relação entre a prontidão de uma unidade naval e uma força de Fuzileiros

A prontidão para combate na Marinha Portuguesa é um conceito que se aplica da mesma forma tanto a uma unidade como a uma força, seja essa força constituída por navios ou por pessoas, sendo um estado que reflete o tempo necessário para levar uma unidade/força à situação de pronta a ser empregue operacionalmente. Esse estado de prontidão exprime-se numa categoria de prontidão, em termos de Material, Pessoal e Treino. Neste sentido, a relação entre a prontidão de uma unidade naval e de uma força de Fuzileiro é direta. Como se pode verificar no capítulo 3.2 e 3.3, a estrutura e a disposição dos requisitos necessários para cumprir com uma determinada missão é aplicável tanto a uma força de Fuzileiros como a uma unidade naval. No entanto, é notória a necessidade de melhoria e uniformização da disposição dos padrões de prontidão em áreas funcionais, de acordo com as diferentes tipologias de forças de Fuzileiros. Para cada tipo de força Fuzileiros, figura 10, deverão ser definidas as tarefas principais e todos os padrões de prontidão associados às mesmas.

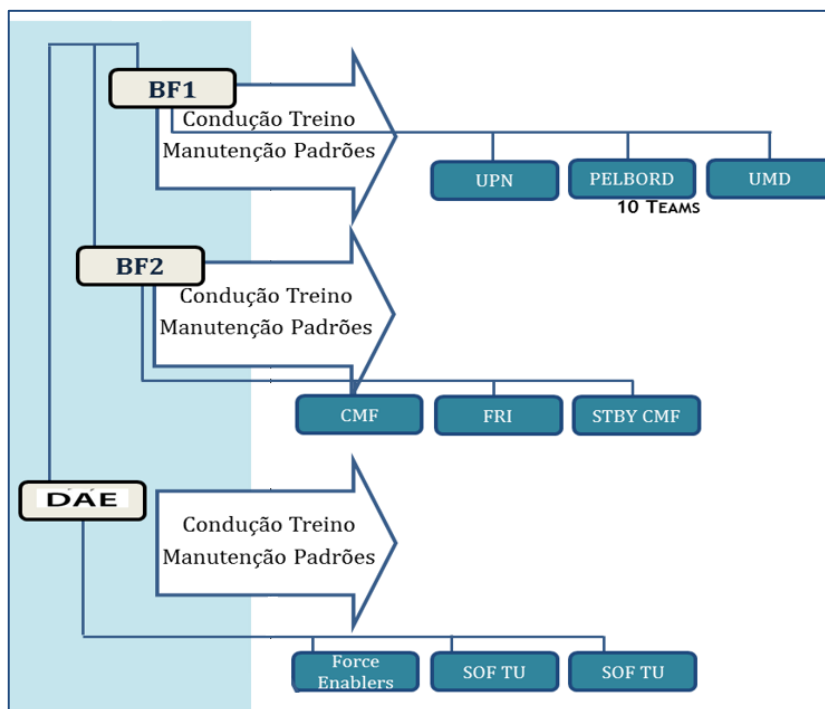


Figura 10 – Tipologia de forças de Fuzileiros

Fonte: Adaptado pelo autor de Fuzileiros (2015).

Apesar de existir uma relação estrutural na disposição dos padrões de prontidão e áreas funcionais, ao nível dos requisitos nos três pilares (Material, Pessoal e Treino), verifica-se que o conceito é, em parte, aplicado nas forças de Fuzileiros, mas ainda não se encontra refletido em doutrina para todos os tipos de forças de Fuzileiros.

O IGCORPFUZ 801 é a publicação de referência. Conforme verificado anteriormente, os padrões de prontidão operacional ainda não estão definidos para as diversas tipologias de forças de Fuzileiros, o que torna necessário um esforço adicional na definição de padrões de prontidão operacional para cada tipo de força, bem como o seu agrupamento em áreas funcionais.

Em suma, existe uma forte relação entre a estrutura de avaliação da prontidão nas unidades navais e nas forças de Fuzileiros. Contudo, existe a necessidade de desenvolver doutrina na definição dos requisitos para cada tipologia de força de Fuzileiros, que se consubstanciem em padrões de prontidão operacional.



4. Proposta de método de medição da prontidão de uma força de Fuzileiros

A prontidão para combate é retratada na Marinha Portuguesa como um produto resultante do Material, Pessoal e Treino, conforme foi detalhado ao longo deste trabalho de investigação. A relação direta entre a prontidão de uma força de Fuzileiros e uma unidade naval foi verificada, não apenas através da doutrina da Marinha Portuguesa, como também durante as entrevistas realizadas ao longo do desenvolvimento da presente investigação.

Neste contexto, será proposto um método de medição da prontidão para combate de uma força de Fuzileiros que terá como base estruturante o método utilizado nas unidades navais. Assim, sugere-se a implementação de uma estrutura segmentada em áreas funcionais, que será assente nos padrões de prontidão para cada tipo de força, conforme a figura 11.

| Área Funcional 1 | UPN | PELBOARD | UMD | CMF | FRI |
|--------------------------|-----|----------|-----|-----|-----|
| Padrão de Prontidão 1.1 | x | x | x | x | x |
| Padrão de Prontidão 1.2 | x | | x | | x |
| Padrão de Prontidão 1.3 | | | | x | x |
| Padrão de Prontidão 1.4 | x | x | x | | x |
| Padrão de Prontidão 1.5 | x | x | x | x | x |
| Padrão de Prontidão 1.6 | | | x | x | |
| Padrão de Prontidão 1.7 | x | x | | x | x |
| Padrão de Prontidão 1.8 | | x | | x | |
| Padrão de Prontidão 1.9 | x | | x | | x |
| Padrão de Prontidão 1.10 | x | x | x | x | x |

Figura 11 – Proposta de estrutura dos padrões de prontidão para uma força de Fuzileiros

Fonte: Adaptado pelo autor de Naval (2013).

Considera-se que a relação entre os três pilares (Material, Pessoal e Treino) e o seu impacto no estado de prontidão é adequada e aplicável a uma força de Fuzileiro pelo que, neste sentido, propõe-se que esta relação seja mantida, conforme figura 12.

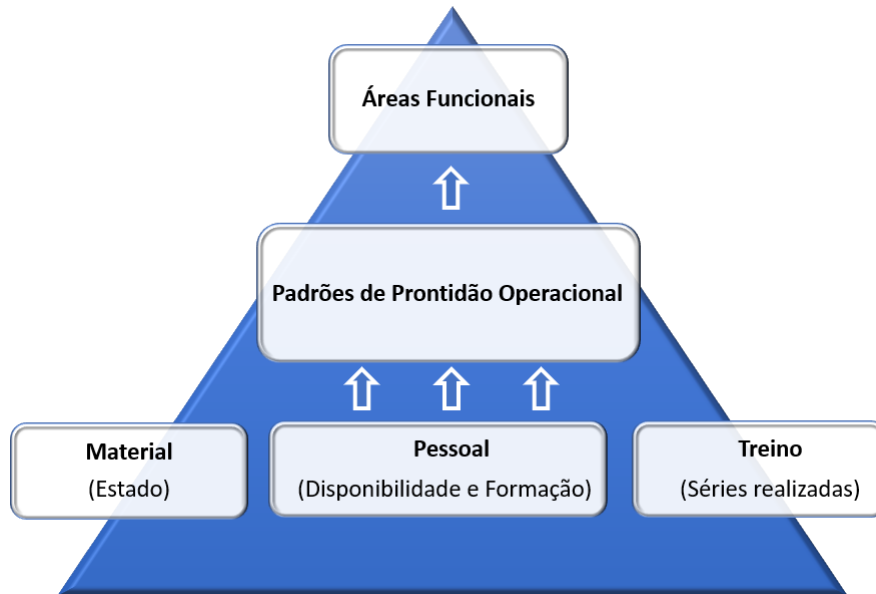


Figura 12 – Proposta de estrutura para método de medição da prontidão de uma força de Fuzileiros

Fonte: Adaptado pelo autor de Serrano (2021).

A valorização da prontidão de cada força de Fuzileiros, por área funcional dos padrões de prontidão e pelos três pilares de avaliação, será feita numa escala de 0% a 100% e associada a um código de cores por banda de valores.

Paralelamente ao que acontece nas unidades navais será atribuído um valor a cada padrão de prontidão. O somatório dos valores de todos os padrões de prontidão, de uma determinada área funcional, representa o valor dessa mesma área. Na prática, considera-se que uma força de Fuzileiros está 100% pronta para cumprir uma determinada tarefa, quando essa mesma força estiver 100% pronta a cumprir com todos os padrões de prontidão da respetiva tarefa.

Salienta-se que cada padrão de prontidão tem um determinado fator de ponderação, que poderá não ser o mesmo para outro padrão de prontidão dentro da mesma área funcional. Esta ponderação prende-se com o facto de que um determinado padrão de prontidão poderá ter um maior peso para a o sucesso da área funcional em que se encontra inserido.

A medição da prontidão de uma força de Fuzileiros terá sempre em consideração a perspetiva de cada um dos pilares (Material, Pessoal e Treino).

O pilar do Material representado na figura 13 traduz a estrutura a implementar. Nesta perspetiva, pretende-se medir o impacto do estado do Material (armas, viaturas, equipamento e material, etc.) na prontidão da força. O estado dos equipamentos tem um impacto direto na capacidade de uma força de Fuzileiros cumprir com determinados padrões de prontidão, capaz de ser traduzindo num valor de afetação desse padrão de prontidão. A atribuição de

ponderações a cada tipo de equipamento é um fator a ter em consideração, visto que o impacto para o sucesso da área funcional poderá ser distinto.

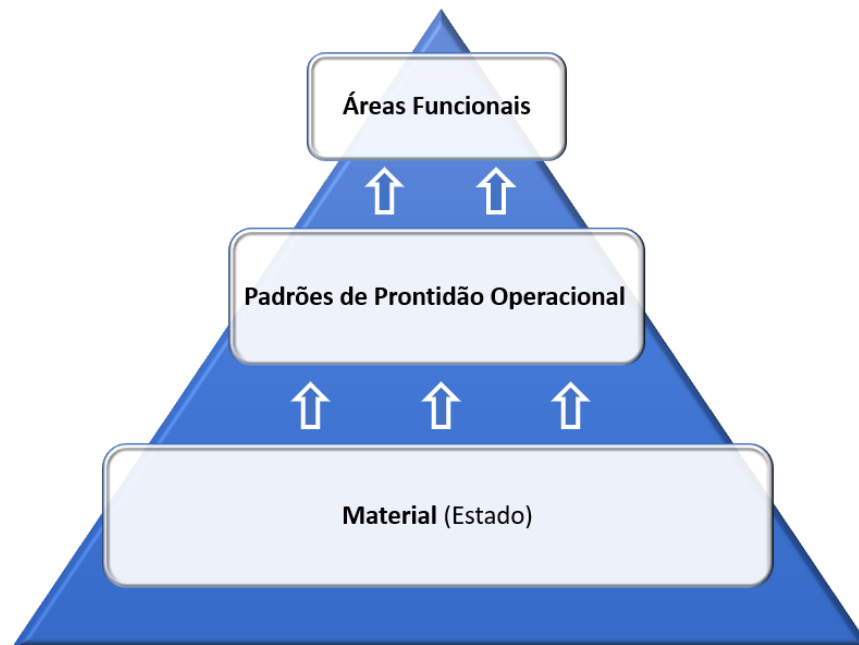


Figura 13 – Impacto do Material na prontidão de uma força de Fuzileiros

Fonte: Adaptado pelo autor de Serrano (2021).

No pilar Pessoal, conforme figura 14, cada militar tem um determinado impacto na prontidão da força de Fuzileiros. A presença do militar e a sua formação específica são valorizadas, tendo em conta a sua função dentro da força. A ponderação destas variáveis é de considerar, dado que os militares que constituem a força podem ter diferentes capacidades de influenciar o desempenho da própria força.

Nas unidades navais existem elementos chave que, caso não estejam a bordo, podem comprometer na totalidade o desempenho de uma determinada área funcional.

O mesmo princípio deverá ser aplicado às forças de Fuzileiros, visto que um determinado elemento pode ser o único capaz de dotar a força com a capacidade para cumprir uma tarefa específica.

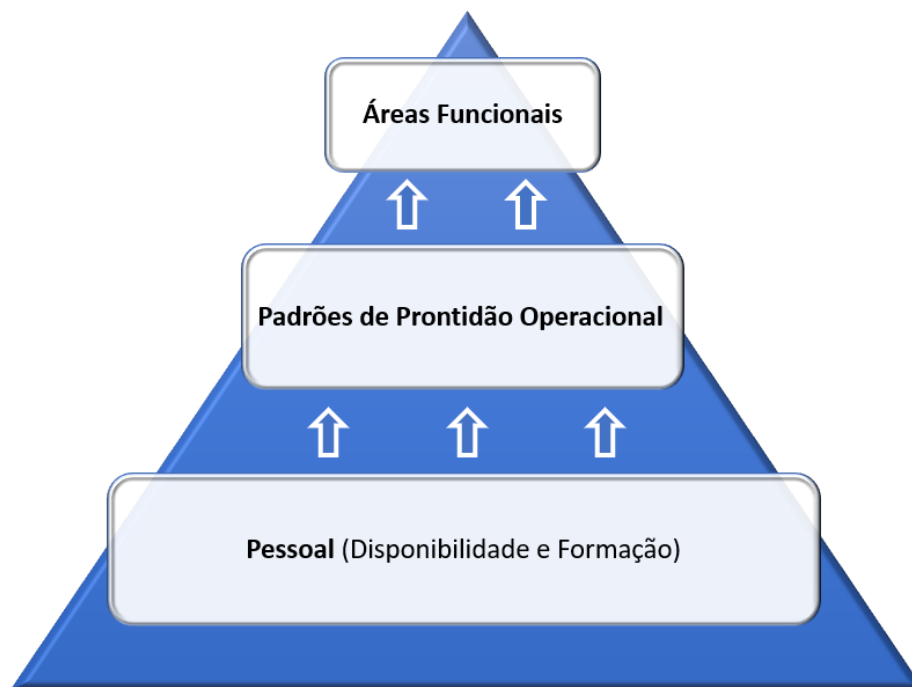


Figura 14 – Impacto do Pessoal na prontidão de uma força de Fuzileiros

Fonte: Adaptado pelo autor de Serrano (2021).

No pilar Treino, conforme figura 15, cada série de treino terá um determinado impacto na prontidão da força de Fuzileiros, tendo em consideração a validação da série em termos de mérito e de prazo. Cada série tem uma validade temporal (prazo) e só será considerada se tiver uma avaliação positiva.



Figura 15 – Impacto do Treino na prontidão de uma força de Fuzileiros

Fonte: Adaptado pelo autor de Serrano (2021).



O produto deste método poderá apresentar um *layout* muito semelhante ao utilizado na medição da prontidão das unidades navais, como exemplifica a figura 16.

| | UPN | | | PELBORD | | | UMD | | |
|------|----------|---------|--------|----------|---------|--------|----------|---------|--------|
| | MATERIAL | PESSOAL | TREINO | MATERIAL | PESSOAL | TREINO | MATERIAL | PESSOAL | TREINO |
| AF1 | 90,00 | 40,83 | 23,00 | 88,73 | 47,16 | 16,67 | 92,73 | 59,73 | 15,28 |
| AF2 | 43,00 | 22,55 | 5,71 | 86,76 | 38,26 | 17,14 | 91,32 | 53,59 | 34,78 |
| AF3 | 69,00 | 27,29 | 45,67 | 87,92 | 44,28 | 42,11 | | | |
| AF4 | 11,00 | 38,38 | 23,67 | 94,49 | 29,91 | 56,80 | 97,63 | 55,79 | 54,89 |
| AF5 | 34,00 | 33,74 | 87,00 | 83,19 | 43,53 | 75,00 | 91,55 | 55,63 | 50,00 |
| AF6 | | | | 93,56 | 30,12 | 23,90 | 96,78 | 51,66 | 43,89 |
| AF7 | 20,00 | 58,15 | 43,21 | | | | 86,56 | 67,40 | 49,69 |
| AF8 | 34,60 | 23,00 | 34,78 | 77,87 | 44,37 | 81,52 | 80,50 | 68,40 | 67,89 |
| AF9 | 98,60 | 20,94 | 34,67 | 82,44 | 40,89 | 44,44 | 93,08 | 49,75 | 4,78 |
| AF10 | 34,70 | 33,07 | 89,65 | 85,84 | 46,10 | 36,84 | 94,15 | 57,34 | 5,26 |
| AF11 | 76,54 | 12,00 | 34,23 | 84,94 | 39,10 | 87,56 | | | |
| AF12 | 89,21 | 26,46 | 76,54 | 85,91 | 30,72 | 90,76 | 90,66 | 46,33 | 34,55 |
| AF13 | 39,32 | 21,72 | 12,67 | 85,78 | 34,80 | 23,56 | 89,03 | 51,07 | 28,98 |
| AF14 | 68,31 | 22,22 | 43,56 | 83,52 | 28,06 | 23,21 | 94,01 | 37,36 | 11,25 |
| AF15 | 86,43 | 42,51 | 34,89 | 85,58 | 50,45 | 50,00 | 95,19 | 61,82 | 29,40 |

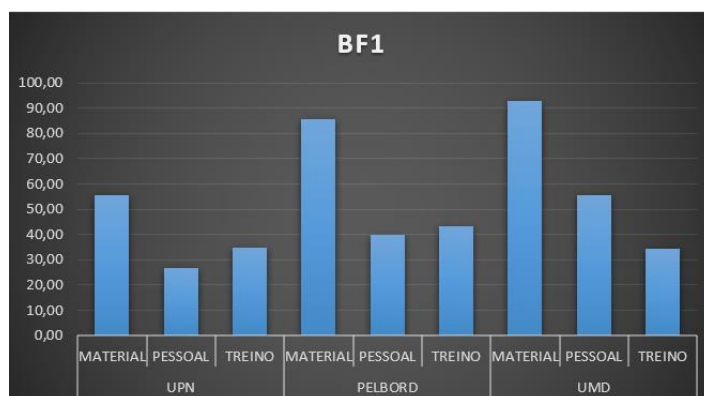


Figura 16 – Produto do método de medição da prontidão para combate de uma força de Fuzileiros

Fonte: Adaptado pelo autor de Serrano (2021).

O produto final deste método, como se verifica no exemplo da figura 16, pode conter informação de enorme relevância para a gestão das forças. Permite verificar, de forma detalhada (ao nível do estado dos equipamentos, da formação, do treino, etc.), os requisitos que faltam cumprir para que estas sejam consideradas prontas.



Conclusões

Este trabalho de investigação teve a sua génese numa necessidade efetiva do Corpo de Fuzileiros. A importância de conhecer o real estado de prontidão para combate das suas forças é fundamental quando se pretende estar pronto para responder nos diversos cenários operacionais. Conforme foi desenvolvido ao longo deste trabalho, os requisitos para o vasto espectro de missões traduzem-se em padrões de prontidão operacional, que servem de base para o treino das diversas forças e unidades existentes no Corpo de Fuzileiros. No sentido de se desenvolver um método capaz de medir a prontidão para combate de uma força de Fuzileiros, analisou-se a estrutura dos padrões de prontidão, tendo em consideração que estes constituem um fator essencial para manutenção da prontidão para combate de uma força de Fuzileiros. Verificada a similaridade da estrutura e organização dos padrões de prontidão operacional, entre as forças de Fuzileiros e as unidades navais, desenvolveu-se um estudo de caso do método utilizado pela Marinha Portuguesa na medição da prontidão para combate das suas unidades navais.

Verificou-se que este método é muito mais profundo do que a simples avaliação do treino, quando se pretende saber o estado de prontidão para combate de uma força de Fuzileiros, a utilização deste método reflete o impacto do estado do Material, do Pessoal e do Treino na prontidão para combate de uma força, figura 17.

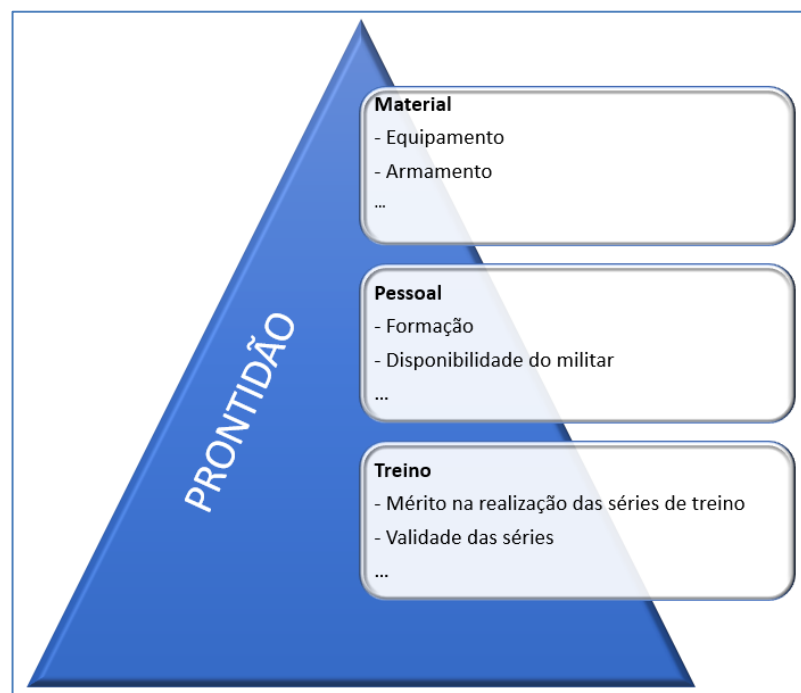


Figura 17 – Pilares de avaliação da prontidão para combate de uma força de Fuzileiros

Fonte: Autor (2021)



Desenvolvido o estudo de caso verificou-se a possibilidade de aplicação do método de uma forma direta, isto é, a Marinha Portuguesa poderá aplicar a mesma forma de medição de prontidão que utiliza nas unidades navais às forças de Fuzileiros.

Considera-se adequada a utilização do método exposto no capítulo 4 para a medição da prontidão para combate de uma força de Fuzileiros. Desta forma, o objetivo geral deste trabalho de investigação foi alcançado. No entanto, para que a medição da prontidão seja efetivamente realista, existe a necessidade de atualização dos padrões de prontidão e adequar os mesmo às diversas tipologias de forças.

A Marinha Portuguesa poderá fazer uso da ferramenta informática SIMPPO, que se encontra em desenvolvimento para as unidades navais e adaptá-la às forças de Fuzileiros, para que, desta forma, seja possível conhecer o real estado de prontidão das forças de Fuzileiros. A utilização de uma ferramenta informática aumenta, significativamente, a disponibilidade da informação com reduzido esforço para o pessoal. Esta informação é de extrema utilidade, tornando possível saber, por exemplo, em que áreas uma determinada força está mais deficitária, com maior necessidade de treino, equipamento ou pessoal com uma determinada formação específica. O conhecimento da prontidão nestas três perspetivas, em tempo real, permite um aumento significativo da eficácia e eficiência na gestão dos recursos e meios disponíveis.

Por razões diversas, não houve a possibilidade de verificar a existência de outras formas de avaliação da prontidão para combate a nível internacional. Para um futuro trabalho, seria pertinente uma investigação a nível internacional desta temática. Outra possibilidade de investigação poderá passar pela inclusão de novas perspetivas, para além do Material, do Pessoal e do Treino, ou até mesmo, outros vetores de desenvolvimento.



Referências bibliográficas

- Armada, E. M. (1999). *Regulamento Interno das Forças e Unidades Navais*. Lisboa: Marinha Portuguesa.
- Betts, R. (1995). *Military Readiness: Concepts, Choices, Consequences*. Washington, DC. EUA: Brookings.
- Bryman, A. (2012). *Social Research Methods* (4.^a ed.). Oxford: Oxford University Press.
- Comunicação, D. d. (2020). *Sistema Integrado de Manutenção dos Padrões de Prontidão Operacional - Manual de Utilização*. Lisboa: Marinha Portuguesa.
- Fernandes, A. (2021). *Entrevista*. Alfeite: Marinha.
- Filipe, S. (2021). *Entrevista*. Alfeite: Marinha.
- Fuzileiros, C. d. (2006). *Guia da treino e avaliação das forças e unidades de Fuzileiros*. Alfeite: Marinha Portuguesa.
- Fuzileiros, C. d. (2007). *IGCORPFUZ SUP1 - Listas de Verificação dos Padrões de Prontidão Operacional das Forças e Unidades de Fuzileiros*. Alfeite: Marinha.
- Fuzileiros, C. d. (2015). *Reestruturação do Corpo de Fuzileiros*. Alfeite: Marinha.
- Naval, C. (2013). *IONAV 8000 (B) - SUP 1*. Alfeite: Marinha Portuguesa.
- Santos, L. A., & Lima, J. M. (2019). *Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação* (2.a ed., revista e atualizada ed.). Pedrouços: Instituto Universitário Militar.
- Saunders, M. L. (2009). *Research methods for business students* (5th ed.). Inglaterra: Pearson Education Limited.
- Serrano, A. J. (2021). *Matriz de Capacidade da Esquadra (MCE) & Sistema Integrado de Manutenção dos Padrões de Prontidão Operacional (SIMPPO)*. Alfeite: Marinha.
- Vilelas, J. (2019). *Investigação: o Processo de Construção do Conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.



Apêndice A – Conceção metodológica da investigação

| Objetivos Específicos | | Questão Central: De que forma se poderá medir a prontidão para combate de uma força de Fuzileiros? | | Conceito | Técnicas de Recolha |
|-----------------------|---|--|--|---------------------------------|------------------------------|
| OE 1 | Descrever a prontidão para combate de uma unidade naval e de uma força de Fuzileiros. | QD 1 | Do que se trata a prontidão para combate de uma força de fuzileiros e de uma unidade naval? | Prontidão para combate | Análise documental |
| OE 2 | Analisar a adaptabilidade do método de medição da prontidão de uma unidade naval a uma força de Fuzileiros. | QD 2 | Será possível adaptar o método de medição da prontidão de uma Unidade Naval a uma Força de Fuzileiros? | Padrão de Prontidão Operacional | Entrevistas semiestruturadas |

Fonte: Autor (2021)



Apêndice B – Modelo de Entrevista

| Estrutura da Entrevista | | |
|-------------------------|---|-----------------|
| Nº | Questão | Tipo |
| 1 | Como caracteriza uma Força de Fuzileiros (FFZ)? | Desenvolvimento |
| 2 | Na sua opinião, os Padrões de Prontidão Operacional utilizados como referência no treino das FFZ, estão adequados e organizados de acordo com os requisitos e tarefas das atuais missões das FFZ? | Desenvolvimento |
| 3 | Conhece algum método, no Corpo de Fuzileiros, capaz de medir a prontidão para combate de uma FFZ? (Se sim, qual?) | Desenvolvimento |
| 4 | Considera adequado medir da prontidão para combate de uma FFZ com base nos vetores Material(1), Pessoal(2) e Treino(3)? | Desenvolvimento |
| 5 | Em que medida seria útil ter disponível uma ferramenta capaz de medir a prontidão para combate de uma FFZ, praticamente em tempo real? | Desenvolvimento |

Fonte: Autor (2021)

⁽¹⁾ Material: O conceito refere-se à disponibilidade e eficiência técnica dos meios materiais necessários ao cumprimento da missão. (Equipamento/Armamento)

⁽²⁾ Pessoal: Este conceito refere-se ao indivíduo e à formação específica necessária para o cumprimento da missão. Esta formação está definida no Mapa Detalhado de Cargos da unidade e está de acordo com o as funções que o militar desempenha. (Indivíduo e Formação)

⁽³⁾ Treino: A capacidade para combate de qualquer unidade ou força, é resultado do somatório das perícias e preparação de cada indivíduo, conjugadas e integradas no treino coletivo de técnicas e táticas necessárias para o sucesso da missão. O treino militar destina-se a atingir os padrões de prontidão e a consolidar conhecimento técnico.



Apêndice C – Entrevista CTEN FZ Silva Filipe

DATA: 05/04/2021

ENTREVISTADO: CTEN FZ Silva Filipe

1) Como caracteriza uma Força de Fuzileiros (FFZ)?

Considera que uma força de Fuzileiros é caracterizada pela sua:

- Modularidade: configuradas de acordo com os objetivos da missão atribuída (“Taylor Made”);
- Flexibilidade: adaptáveis as condições e necessidades específicas da missão;
- Mobilidade: podendo ser projetadas por mar, ar, terra ou por conjugação dos vários meios, com capacidade de mobilidade própria;
- Prontidão: atualmente são mantidas Forças de Fuzileiros prontas para a FRI em CAT2 (05 dias de Notice to Move (NTM)), para o Apoio Militar a Emergências Cíveis (AMEC) em prontidões que podem variar desde as 72 horas até a imediato.

2) Na sua opinião, os Padrões de Prontidão Operacional utilizados como referência no treino das FFZ, estão adequados e organizados de acordo com os requisitos e tarefas das atuais missões das FFZ?

Os Padrões de Prontidão Operacional (PPO) das Forças e Unidades de Fuzileiros estão estabelecidos na publicação IGCORPFUZ 801 (Guia do Treino e Avaliação das Forças Unidades de Fuzileiros), sendo contudo, orientados para as missões de combate (de acordo com o parágrafo 303 “Padrões de Prontidão Operacional”). Esta definição de PPO apenas responde à necessidade das FFZ configuradas para o Conjunto Modular de Forças (CMF) no seu espectro completo, e para a Força de Reação Imediata (FRI) para as missões de Non-Combatant Evacuation Operation (NEO) e reforço a uma Força Nacional Destacada (FND).

3) Conhece algum método, no Corpo de Fuzileiros, capaz de medir a prontidão para combate de uma FFZ? (Se sim, qual?)

As ações de treino que fazem parte dos Planos de Treino de Força e Orientados para a Missão (PTF e PTU de acordo com a IONAV 8100) permitem avaliara a Prontidão de uma FFZ, contudo de forma qualitativa.

4) Considera adequado medir da prontidão para combate de uma FFZ com base nos vetores Material⁽¹⁾, Pessoal⁽²⁾ e Treino⁽³⁾?

Sim acrescentando o pilar da Mobilidade, tendo em conta a necessidade tanto da projeção como da autonomia de movimentação necessária para a cumprimento da missão atribuída.

5) Em que medida seria útil ter disponível uma ferramenta capaz de medir a prontidão para combate de uma FFZ, praticamente em tempo real?

A utilidade deste tipo de ferramenta permitiria a uma organização com solicitações de âmbito diverso e simultâneo, ter um panorama situacional relativo ao tipo de missões e à quantidade possíveis de serem executadas em cumulativamente, com indicadores de desempenho e de aspetos necessários serem melhorados para se atingir um certo nível de prontidão.



Apêndice D – Entrevista CTEN FZ Arvins Fernandes

DATA: 26/05/2021

ENTREVISTADO: CTEN FZ Arvins Fernandes

1) Como caracteriza uma Força de Fuzileiros (FFZ)?

Uma Força é, por definição, um conjunto de Unidades (ou capacidades provenientes dessas Unidades), constituídas e organizadas para responder a um problema tático ou operacional concreto – conceito de Força-Tarefa.

Esta definição de Força não deve entanto ser confundida com a designação de “Força de Fuzileiros” (na minha perspectiva pessoal uma designação algo infeliz, precisamente por potenciar esta confusão) que foi adotada com a reestruturação de 2015 para aquilo que eram anteriormente as Companhias de Fuzileiros. Assim o Corpo de Fuzileiros (CF) dispõe atualmente de “Forças de Fuzileiros”, não enquanto forças-tarefa orientadas para a missão, mas sim subunidades com constituição e organização semelhante ao que eram as anteriores companhias de fuzileiros. Não obstante, mantém-se a capacidade (e o hábito) de para um dado cenário organizar forças-tarefa de caráter modular (com recurso a capacidades provenientes de várias Unidades do CF), como é exemplo a FFZ atualmente empregue na Lituânia no âmbito das *Assurance Measures* da NATO..

2) Na sua opinião, os Padrões de Prontidão Operacional utilizados como referência no treino das FFZ, estão adequados e organizados de acordo com os requisitos e tarefas das atuais missões das FFZ?

Julgo que grande parte dos padrões de prontidão estabelecidos na IGCORPFUZ801 para as Unidades de Fuzileiros se mantêm atuais, carecendo, no entanto, esta doutrina de atualização em alguns aspetos. Por um lado, no que diz respeito ao alinhamento com a doutrina NATO, e por outro com as alterações a nível de organização verificadas desde 2015 no CF (designadamente a extinção de algumas Unidades e consequente transferência das responsabilidades que lhes estavam atribuídas a outras Unidades).

3) Conhece algum método, no Corpo de Fuzileiros, capaz de medir a prontidão para combate de uma FFZ? (Se sim, qual?)

Tanto quanto sei não existe uma métrica objetiva para aferir a prontidão global, isto é, considerando fatores como as existências de pessoal face à lotação prevista, a disponibilidade de material face ao quadro orgânico previsto, etc, de uma FFZ. Estes vários fatores são medidos sim, mas de forma isolada: % de completamento no que diz respeito ao pessoal, padrões de treino conforme IGCORPFUZ 801, etc. Julgo não existir nenhuma métrica estabelecida para avaliação global da prontidão.

4) Considera adequado medir da prontidão para combate de uma FFZ com base nos vetores Material⁽¹⁾, Pessoal⁽²⁾ e Treino⁽³⁾?

Sim, em primeira análise parece-me uma boa aproximação, por permitir fazer uma avaliação com dados objetivos. Para uma avaliação em maior pormenor talvez tivessem de ser considerados fatores de medição mais difícil (menos objetivos) como a motivação, a capacidade de liderança aos vários escalões, etc.

5) Em que medida seria útil ter disponível uma ferramenta capaz de medir a prontidão para combate de uma FFZ, praticamente em tempo real?

Julgo que seria altamente conveniente, principalmente enquanto ferramenta de apoio à gestão, isto é, por potenciar às chefias perceber quais as reais capacidades ao seu dispor para emprego operacional e quais os constrangimentos que estão a limitar essas capacidades.



Apêndice E – Entrevista CTEN FZ Drago Gonçalves

DATA: 28/06/2021

ENTREVISTADO: CTEN FZ Drago Gonçalves

1) Como caracteriza uma Força de Fuzileiros (FFZ)?

As Forças de Fuzileiros são parte integrante e permanente da organização para ação do Corpo de Fuzileiros. Estas destinam-se a executar missões, tarefas e outras ações que lhe sejam atribuídas essencialmente no contexto da Força de Reação Imediata (FRI), empregue em Operações de Evacuação de Não-combatentes (NEO) e no apoio à Proteção Civil e/ou às Forças e Serviços de Segurança (FSS) em «emergências complexas»; do Conjunto Modular de Forças (CMF), preparada para intervir em conflitos de todo o espectro no âmbito das alianças e parcerias de que Portugal é parte; e das Forças Permanentes em Ação de Soberania (FPAS), que asseguram tarefas de presença, patrulha, vigilância e o contributo das FA no combate a ilícitos no Espaço Estratégico de Interesse Nacional Permanente.

As FFZ estão especialmente vocacionadas para a projeção além horizonte a partir dos navios da esquadra, fazendo uso dos botes de assalto, apresentam grande flexibilidade para a missão e têm uma constituição modular e multidisciplinar sendo a sua configuração adaptada ao momento do ciclo operacional em que se encontram e à missão primária em que são empregues.

2) Na sua opinião, os Padrões de Prontidão Operacional utilizados como referência no treino das FFZ, estão adequados e organizados de acordo com os requisitos e tarefas das atuais missões das FFZ?

O Guia do Treino e Avaliação das Forças e Unidades de Fuzileiros (IGCORPFUZ 801) é uma publicação que data de 23 de novembro de 2006, destina-se a tipificar e a regular o Treino das Unidades e Forças de Fuzileiros e é complementada pelo Suplemento 1 que contém as listas de verificação de tarefas que concorrem para os Padrões de Prontidão das unidades de Fuzileiros.

Considero que está adequada e organizada de acordo com os requisitos e tarefas das missões do Fuzileiros, mas que existe espaço para a sua revisão e atualização em virtude da sua data de promulgação (15 anos) e da reestruturação do CF, efetuada em 2015.

3) Conhece algum método, no Corpo de Fuzileiros, capaz de medir a prontidão para combate de uma FFZ? (Se sim, qual?)

Não conheço. Apenas registo a capacidade de medir a prontidão temporal (*Notice to Move*) de acordo com as diretivas superiores.

4) Considera adequado medir da prontidão para combate de uma FFZ com base nos vetores Material⁽¹⁾, Pessoal⁽²⁾ e Treino⁽³⁾?

Sim, considero, uma vez que não é só através do treino que se consegue edificar e manter os padrões operacionais das FFZ, uma vez que é necessário estabelecer uma melhor correlação entre «efeitos operacionais» e componente genética (pessoal e material), para tornar mais claras as lacunas existentes e assim aferir a prontidão para combate de uma FFZ.

5) Em que medida seria útil ter disponível uma ferramenta capaz de medir a prontidão para combate de uma FFZ, praticamente em tempo real?

Traria vantagens ao nível operacional uma vez que permitiria adequar o treino às necessidades mais prementes, permitiria demonstrar de forma mais clara, precisa e objetiva as necessidades ao nível do Material e do Pessoal (por forma a poder colmatar essas necessidades) e possibilitaria uma tomada de decisão mais eficaz e sustentada (que força atribuir para determinada missão).